

MEDIAÇÃO DE LEITURA EM SALA DE AULA – UMA EXPERIÊNCIA NO 1º SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Liliana Secron Pinto (UERJ)
lsecron@gmail.com

1. Salas de leitura

A Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro – SME vem investindo na promoção da leitura em suas escolas com várias ações. Dentre elas, a estruturação das salas de leitura de suas escolas. Mesmo havendo ainda muitos desafios a serem vencidos, de maneira geral, essas salas possuem um vasto acervo que atende bem ao público a que se destina, e possuem suas atividades realizadas por um professor especialmente destacado para essa função.

“O profissional responsável pela sala de leitura é um professor regente, com experiência pedagógica para articular todo trabalho de promoção da leitura ao Projeto Político-Pedagógico da escola e à sala de aula.” (SME, 2007, p. 23) e é responsável pela organização, dinamização e mediação do acervo com a comunidade escolar.

Um dos documentos que vem norteando esse trabalho é o *Multieducação: Sala de Leitura da Série em Debates*, produzido pela SME em 2007 e que servirá como referência para as informações aqui fornecidas sobre as salas de leitura.

O ano de 2012 inicia para esse segmento com grande desafio. Por um lado, inicia-se a obrigatoriedade de entrada dos professores de sala de leitura na grade de horários das turmas do 1º ao 5º anos para garantir a realização do centro de estudos⁵² semanal, regulamentada pela resolução nº 1178 de 2/2/2012; por outro lado, há uma grande renovação dos quadros de professores na função.

Para o cumprimento da resolução supracitada, a realização do centro de estudos dos professores PII, passa a ser uma vez por semana

⁵² O centro de estudos é o momento presencial na escola fora de sala de aula, garantido aos professores PII (professores de séries iniciais) para realização de atividades de planejamento e avaliação, com oportunidade de encontro entre os professores e com o coordenador pedagógico.

sem suspensão de aula. Durante esses encontros, as turmas têm sua grade de horários organizada da seguinte forma:

DISCIPLINA	HORA/AULA
Educação Física	2 tempos
Artes	1 tempo
Língua Estrangeira	1 tempo
Sala de Leitura	1 tempo

Já a grande renovação do quadro de professores é demonstrada, por exemplo, pela situação das escolas ligadas ao Polo III E. M. França da 5ª CRE⁵³, da qual faço parte. Das 31 escolas que acompanhamos, 25 estão com professores que nunca trabalharam nessa função. De maneira geral, esses professores são PII e em raras exceções têm-se ainda professores de língua portuguesa, educação física, história, geografia e matemática.

Com a inserção do professor de sala de leitura na grade de horários, o trabalho com a leitura passa a acontecer em sala, regularmente, com a interferência de outro professor que não aquele que diariamente acompanha o grupo e é responsável, dentre outras coisas, por sua alfabetização.

Ser professor de sala de leitura em sala de aula, portanto, exige um redimensionamento do seu papel como professor que deixa de ser o alfabetizador ou professor de uma disciplina específica, para tomar outro sentido – e eu chamaria de liberdade –, o do trabalho (ou da brincadeira) com o texto e o do incentivo à leitura.

Essa ação não é propriamente uma novidade. Quem trabalha tanto em sala de leitura quanto em sala de aula, a princípio, possui nos textos a base para o desenvolvimento de seu trabalho. E professor de sala de leitura, mesmo não estando em sala de aula, mantém o contato com as turmas seja para contação, empréstimo, ou para desenvolvimento de projetos, na maioria das vezes, em uma ação dentro de algum projeto maior desenvolvido pela escola.

A necessidade da rotina, no entanto, trouxe a novidade. E, quando se inicia um novo trabalho é fundamental que se reflita sobre dois aspectos

⁵³ Desde 1992 as salas de leitura das escolas do município do Rio de Janeiro passaram a ser divididas em polo e satélites. Cada polo fica responsável pela multiplicação das ações propostas pelo setor de mídia da SME que é responsável pelas salas de leitura. A 5ª CRE possui 3 salas-polo. A SL da E. M. França fica responsável por 31 escolas desta CRE.

tos: o papel dos atores que estão nele envolvidos e o que se espera com ele. Esses aspectos vão compor o norte que vai orientar as escolhas, os caminhos a serem trilhados para seu desenvolvimento.

Não houve um documento formal que regulamentasse essa ação. No entanto, a SME trouxe como orientação nas reuniões realizadas, que a proposta prevê como objetivo: “o incentivo à leitura através do texto literário”. Deixou claro ainda que não se trata de alfabetização ou aula de reforço, mas de trabalho com a leitura. E através dessa pista, precisamos encontrar a direção do caminho a ser trilhado.

2. *A ação do professor de sala de leitura*

2.1. **Aos atores, seus respectivos papéis**

A *escola*, por sua natureza é um espaço plural de cruzamento de culturas (CANDA, 2008, p. 46) onde são lançadas as bases da formação do indivíduo. E a linguagem é o fio que tece e colore indivíduos e coletividade.

Trata-se de um espaço privilegiado de interlocução e de formação do leitor onde são postos os alicerces do processo de autorrealização vital e sociocultural do ser humano.

A percepção do papel da escola varia no tempo e no espaço. Se pensarmos numa perspectiva histórica, iremos verificar que houve um momento em que ela foi tida como

(...) sistema rígido, reprodutor, disciplinador e imobilista, que se caracterizou como escola tradicional em sua fase de deterioração. Hoje, esse espaço deve ser, ao mesmo tempo, *libertário* (sem ser anárquico) e *orientador* (sem ser dogmático), para permitir ao ser em formação chegar ao seu *autoconhecimento* e a *ter acesso ao mundo da cultura* que caracteriza a sociedade a que ele pertence. (COELHO, 2000, p. 17)

O papel do *professor*, nesse contexto, não pode ser simplesmente de reprodutor, mas de pensador da educação e do ensino (GERALDI, 1995).

E na condição de professor-pensador de sala de leitura em sala de aula, é preciso, antes de tudo

reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência de mundo, orientado em três direções principais: da literatura (como leitor atento), da realidade social que o cerca (como cidadão consciente da “geleia geral” dominante e de suas

possíveis causas) e da docência (como profissional competente). (COELHO, 2000, p. 18)

Compreendendo a dialogicidade existente no processo ensino-aprendizagem, onde professor e aluno convivem e interagem valorizando o ato da interlocução na construção do conhecimento. (GERALDI, 1995)

2.2. A experiência inigualável da literatura

Segundo Coelho (2000), o conceito de literatura, assim como os papéis da escola e do professor, nunca será exato e varia conforme a época representando os valores e ideais específicos de cada uma delas.

Mas, de maneira geral, podemos compreender a proporção da responsabilidade de quem trabalha com esse segmento quando entendemos que a evolução de um povo se faz ao nível da mente, desde a infância, e que o caminho essencial para se chegar a esse nível é a palavra e, mais do que isso, a literatura – que é arte. (COELHO, 2000, p. 15)

E a função da literatura nesse contexto, é justamente atuar sobre as mentes e sobre os espíritos transformando e enriquecendo as experiências de vida em intensidade não igualada a nenhuma outra experiência. Ela leva o leitor a vivenciar outros contextos e tempo, circulando entre o real e o imaginário, cumprindo um papel *humanizador*.

De forma mais técnica, podemos dizer que a literatura possui características composicionais e estruturais que a distingue do texto não literário. É o que chamamos de literariedade e que propicia a expansão do domínio linguístico da criança, graças à exploração singular das potencialidades de sua matéria prima que é a palavra.

No caso da literatura infantil, não podemos deixar de colocar em relevância também o papel da ilustração que, em muitas obras, passa a ser também texto, seja pela ausência da palavra ou pela relação íntima que estabelece com ela. O uso de técnicas diversas de composição, torna ainda possível o desenvolvimento do senso estético do aluno, ampliando ainda mais sua leitura.

2.3. A leitura no contexto da escola

Não podemos dizer que real e ideal convivem quando definimos o papel da escola, muito menos quando falamos de leitura. No segundo caso, por exemplo, como nos diz Geraldi (2000), confunde-se, muitas vezes, práticas de leitura com aprendizado da língua ou como forma de acesso à informação e conhecimentos específicos de outras disciplinas.

Essa situação só é superada quando há a revisão da prática docente e do sentido que por ele é dado à leitura e à literatura, na compreensão de que é através delas que “o aluno constrói o universo simbólico de sua cultura, contribuindo para o seu desenvolvimento” (GERALDI, 1995, p. 12).

A fim de evitar a *didatização do texto*, as práticas de leitura literária na escola devem favorecer o exercício da criatividade, da alegria, da fantasia e da imaginação, uma vez que o compromisso do texto literário é com o simbólico, e sua função é, sobretudo, emancipatória. (SME, 2007, p. 14)

Os momentos de leitura na escola devem, portanto, segundo Coelho (2000), estar divididos em dois ambientes básicos: o de estudos programados e o de atividades livres. Com essa divisão a autora nos coloca diante de duas possibilidades de leitura: para assimilação de informação e conhecimento e para estimular ou liberar as potencialidades específicas de cada aluno.

Dessa maneira, espera-se do aluno-leitor, o desenvolvimento de uma postura dialógica e emancipatória em que:

Ao identificar seu papel ativo frente a estes materiais, o leitor descobre-se a si mesmo, num processo em que, ao mesmo tempo, descobre a obra, lendo, relendo, escrevendo e reescrevendo sua própria existência. (SME, p. 13)

2.4. Leitura e escrita – duas faces de uma mesma moeda

Uma educação emancipatória não acontece quando não se dá voz ao educando. Ouvir o que ele tem a dizer, respeitar e valorizar o dito é condição para essa ação pedagógica.

Geraldi, inclusive, considera que “a produção de texto é ponto de partida e de chegada de todo processo de ensino-aprendizagem por ser no texto que a língua se revela em toda sua totalidade.” (GERALDI, 1995, p. 135)

Leitura e escrita, portanto, possuem o mesmo caráter humanizador na proporção que situam o indivíduo no mundo em seu contexto histórico e sociocultural, além de possibilitar o encontro consigo mesmo no mais íntimo do seu ser.

“A leitura permite a exploração das configurações textuais.” (GERALDI, 1995, p. 181). É o momento de junção do que se tem a dizer com as estratégias do dizer. (GERALDI, 1995, p. 155) que coloca o sujeito em contato com as possibilidades com as quais a língua opera e que, conhecidas, permite-o reproduzir ou transgredir na sua produção de acordo com seus interesses, utilizando as referências, o repertório, as estratégias de dizer que lhes são próprias.

A construção da língua está justamente nesse movimento, novo-velho que ao afirmar desloca e ao deslocar afirma (Cf. GERALDI, 1995, p. 136).

2.5. Incentivo à leitura e alfabetização

A dúvida sobre as relações existentes entre a alfabetização e o trabalho de incentivo à leitura não inicia com a entrada do professor de sala de leitura em sala de aula. E perpassa pela relação com a forma com que se compreende a literatura infantil – principal tipo de texto aos quais as crianças têm acesso – e sua função.

Desde o séc. XVII discute-se se a literatura infantil pertence à arte literária ou ação pedagógica. Segundo Coelho (2000), essas áreas são “límitrofes e, a mais das vezes interdependentes”.

Sob esse aspecto, podemos dizer que, como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é arte. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia. (COELHO, 2000, p. 46)

Essas áreas vão ser predominantes dependendo do momento histórico em que se inserem.

Divertir e ensinar, por sua vez, é dúvida para a qual ainda também não se encontrou resposta na explicação da função desse segmento da literatura. E nos livros infantis, ora se percebe uma tendência para uma função, ora para outra.

Compreende-se, pois, que essas duas atitudes polares (literária e pedagógica) não são gratuitas. Resultam da indissolubilidade que existe entre a *inten-*

ção artística e a intenção educativa incorporadas nas próprias raízes da literatura infantil. (COELHO, 2000, p. 48)

Na literatura podemos encontrar realidade e fantasia, testemunhando o mundo e a vida real ou a realidade imaginária, o sonho, a fantasia, o desconhecido, influenciando nas fases de desenvolvimento da criança e na sua percepção e relação com o mundo.

Ao mesmo tempo, os textos literários permitem o contato da criança com a língua de uma forma específica que influenciará e acrescentará sentido na sua formação linguística.

Por sua especificidade, os textos literários não visam embasar o deciframento da escrita, sendo esse procedimento antes uma decorrência do que um êxito desejado. Mas, pela relação afetiva e intelectual que fundam com o leitor e pelo convencionalismo de sua linguagem, os textos literários favorecem o processo de alfabetização. Eles promovem o desenvolvimento da consciência linguística do alfabetizando e o acesso às convenções da língua, que abrangem a organicidade dos textos, os padrões frasais, as microestruturas, a combinação de fonemas, a relação fonema-grafema, o domínio lexical e conceitual. O enriquecimento do vocabulário, a capacidade de elaborar inferências sempre mais complexas, a possibilidade de estabelecer relações contextuais são outros benefícios que advêm da familiaridade do alfabetizando com textos literários. (SARAIVA, 2001, p. 85)

A leitura passa pela competência de decodificação do código, mas não está nela restrita. A produção textual, por sua vez, também não inicia com a codificação do que se quer dizer, mas com a reflexão sobre conteúdo e forma do dizer, sobre as intenções e as escolhas linguísticas que permitem ao locutor o alcance de seus objetivos.

O processo de alfabetização, portanto, passa pela consciência linguística que ocorre antes mesmo do contato com o texto escrito através do que Geraldi chama de “atividade epilinguística”.

Por sua vez, a relação que se estabelece com o objeto artístico, passa pelo conhecimento de mundo e pela reflexão, mesmo que “inconsciente” (assim como a ação epilinguística) sobre a arte, de maneira geral, e o objeto artístico.

O incentivo à leitura convive no interstício do desenvolvimento dessas duas noções.

2.6. Professor-pensador de sala de leitura em sala de aula: instigador do prazer, mediador do conhecimento

O trabalho pedagógico relacionado à leitura precisa, portanto, estar comprometido com o prazer e com a sedução. Este processo se inicia a partir da seleção das obras, considerando os recursos de linguagem, a temática, os personagens, entre outros aspectos, de modo a possibilitar a articulação entre o próximo e o distante, no que se refere ao tempo espaço da narrativa e dos leitores. (SME, 2007, p. 17)

A prática com o texto literário não inicia simplesmente com sua leitura e nem termina com o ponto final.

Atividades que preparem para a apresentação do livro a ser saboreado de forma que instiguem a curiosidade e prepare os alunos para a compreensão do que está por vir, são ações que ajudam no estabelecimento da relação de prazer com o texto.

As ações de desdobramento após a leitura, por sua vez, é um ótimo momento (mas não o único) de dar voz ao aluno, de incentivar a produção e a discussão sobre sua leitura, da relação do livro com outras experiências literárias e de vida que ele possua ou ainda do debate sobre o tema abordado.

O que não devemos nos esquecer, no entanto, é de trabalhar o *durante*. Atentar para a forma escolhida para tratar o conteúdo e os efeitos de sentido que as escolhas proporcionam. Afinal, se entendemos a palavra como a matéria prima da obra de arte que é a literatura, compreendê-la, observá-la, refletir sobre ela, permite ao aluno descobrir o sabor desse objeto artístico e, ao mesmo tempo, permite-lhe a aquisição de mais matéria prima para suas próprias produções. Ao professor cabe a mediação da relação leitor-texto. Ignorar no ensino, a atenção para seus aspectos configuracionais, ou deixar de ampliá-las, é reduzi-lo e é também reduzir a linguagem, destruindo sua característica fundamental: ser simbólica.

Não se trata, no entanto, de trabalhar análise gramatical na concepção tradicional do termo. Mas perceber as sinalizações, as pistas apresentadas pelo texto e contrastá-las à experiência de mundo do leitor e, a partir daí, recuperar a caminhada interpretativa. A interferência do professor está em demonstrar se as pistas escolhidas são relevantes ou não para a sua análise. Falo aqui de uma perspectiva de língua e de ensino dentro da concepção sociocognitivo-interacionista desenvolvida por Mikhail Bakhtin, que vem proporcionando o redimensionamento da concepção de ensino da língua e que está, inclusive, refletida nos Parâmetros

Curriculares Nacionais como demonstra Koch (2011) quando o utiliza para demonstrar as possibilidades de trabalho com a língua a partir dessa concepção:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.⁵⁴

Esse é o papel do professor de sala de leitura em sala de aula. E deve ser também o papel de todo professor que trabalha com o texto. Nesse sentido, creio que não podemos dizer que haja confusão de papéis o do professor regular e o de sala de leitura, mas que esses papéis são dialógicos.

3. *Considerações finais*

Um trabalho eficiente com o texto literário que amplie o cabedal de conhecimento de mundo, as possibilidades de uso da língua e ao mesmo tempo promova o prazer de ler exige, antes de tudo, que seja realizado por um professor-leitor que sinta o prazer da leitura, antes, no próprio corpo. Leitor esse que se interesse pela busca contínua de uma prática acrescentadora e emancipadora e que possua capacidade de diálogo.

Ser professor sem ser bancário, e ainda, trabalhar especialmente com a arte literária, exige muito mais do que o conhecimento técnico da língua. Exige paixão. Paixão pelos livros, pela língua, pelo ensino, mas acima de tudo pelas pessoas. É preciso identificar-se com o humano para compreender e transmitir o papel humanizador que a literatura possui.

⁵⁴ *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Ensino Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1988, p. 69-70, *apud* KOCH, 2011, p. 12.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Orgs.). *Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 13-37.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação. *Multieducação: sala de leitura*. 2. ed. Rio de Janeiro, 2007. (Série Temas em Debate). Disponível em:

<<http://www0.rio.rj.gov.br/sme/downloads/multieducacao/SalaLeitura.pdf>>. Acesso em: 24-07-2012

SARAIVA, Juracy Assmann; MELLO, Ana Maria Lisboa de; VARELLA, Noely Klein. Pressupostos teóricos e metodológicos da articulação entre literatura e alfabetização. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). *Literatura e alfabetização: do plano de choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.